



PAIS AUSENTES. QUESTÃO IRREVERSÍVEL? | Professor Romulo Bolivar

www.proenem.com.br

INSTRUÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo na modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **“PAIS AUSENTES. QUESTÃO IRREVERSÍVEL?”**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

TEXTO 1

Conciliando filhos e trabalho

Para muitos pais, cada dia se torna mais difícil conciliar trabalho e educação dos filhos. Muitos se sentem frustrados, culpados e impotentes devido à falta de tempo para estarem junto dos filhos, por se verem forçados a entregar sua educação aos cuidados de terceiros, por não poderem participar dela e acompanhá-los mais de perto em suas atividades etc. Todos nós sabemos que os pais constituem a base na estruturação da personalidade de seus filhos. O que não se pode admitir é que essa base tenha que ficar mais distanciada deles, em consequência de um trabalho ou emprego.

Embora seja inquestionável que esse "abandono" repercute na formação da identificação das crianças, o certo é que elas acabam se acostumando e se adaptando, de uma forma ou de outra, a qualquer tipo de situação. É verdade que alguns sofrem a princípio, mas acabam por se habituar à rotina de sua família. Em momentos especiais, sentirão ainda mais falta, mas infelizmente em muitos casos nada se pode fazer para solucionar essa situação.

Educação a distância

Em situações como a dos pais que trabalham fora, e por isso têm que passar o dia inteiro longe de casa e dos filhos, é preciso pensar num modo de programar momentos de encontro entre todos da família. A atitude dos pais, nesse sentido, precisa ser constante e bem planejada, já que todos os filhos necessitam igualmente do afeto, da atenção e do contato físico de seus genitores. Esse tempo que os pais partilham com as crianças representa uma incalculável riqueza, em todos os sentidos, e para ambas as partes. Ainda que seja pouco esse tempo, deve tratar-se de uma reunião familiar na qual os pais se encontrem totalmente voltados para os filhos, demonstrando atenção e interesse em ouvi-los e escutá-los no que têm a dizer das suas experiências vividas.

Todavia, acrescentam os psicólogos que os pais devem agir com naturalidade, não como se cumprissem uma obrigação, visto que as crianças têm uma sensibilidade tão acurada que as faria perceber a falta de um real prazer e de alegria dos pais nesses momentos, podendo interpretar a atitude deles como "não me amam", ou como "eu os aborreço", ou ainda "não apreciam o que faço". A espontaneidade nessa relação de pais e filhos é demasiado importante.

Os pais não devem se sentir culpados por terem que trabalhar. Porém devem estar, sempre que possível, no melhor e no pior, ao lado de seus filhos, brincando e conversando com eles. Se as crianças obtêm a atenção e o amor de que tanto necessitam, o vínculo afetivo com os seus genitores estará garantido, por ter sido estimulado, o que concorre para o aumento de sua auto-estima e confiança. Os filhos precisam saber que, mesmo estando longe de seus pais, deverão seguir as regras deles. Não é apenas na presença dos genitores que a sua educação se consolida.

Qual seria a forma ideal?

A necessidade de conciliar vida familiar e profissional não pode desvincular-se da idéia de corresponsabilidade na família e na própria sociedade. Devemos estar conscientes de que as pessoas devem ser valorizadas pelo que são, enquanto pessoas, e não pelo que têm.

Teresa López, decana da Universidade Complutense de Madri e vice-presidente da fundação Ação Familiar, declara, em um de seus artigos, que é tempo de se pensar em uma mudança de cultura, através da qual a família recobre o protagonismo merecido, como estrutura básica, que de fato é, de uma sociedade bem construída e equilibrada. Para isso, propõe três linhas de pensamentos, para posterior reflexão:

1- A responsabilidade de criar filhos e educá-los é exclusivamente da família. A sociedade, em geral, e os poderes públicos devem colaborar para que a família tenha condições de cumprir as suas funções, porém nem a eles, nem a ninguém mais compete arbitrar políticas que substituam o próprio núcleo familiar. Não se trata de estender os horários dos colégios até as dez da noite para que as crianças "não incomodem", ou sobrecarregá-las de atividades extracurriculares a fim de que, deste modo, mães e pais possam trabalhar sem ter que ocupar-se delas. Existe uma absoluta desconexão entre os horários de nossos filhos e os de nossos trabalhos. Não faz sentido que os horários irracionais de trabalho obriguem a prolongar a permanência das crianças fora do lar. O que é preciso é defender e respaldar uma mudança em nossa cultura, no que se refere ao emprego do tempo.

2- As decisões tomadas no seio da família dizem respeito exclusivamente ao nosso âmbito privado. Se temos filhos, ou não, é uma decisão familiar, e embora deva permanecer portas adentro, evidentemente suas conseqüências extrapolam o âmbito da própria família, o que significa que existem fortes inter-relações entre as decisões que se tomam nas famílias e a própria sociedade. Uma afeta a outra, quando não deveria ser assim.

3- Quando se fala de conciliação familiar e profissional, normalmente se fala de políticas públicas, concebidas como políticas de mulher, pelo que estamos falhando na base. A família é uma unidade que em si mesma contribui com a sociedade muito mais do que possa contribuir a soma de cada um de seus membros, motivo pelo qual essas políticas de conciliação devem abranger mais que os direitos da mulher, indo além e incorporando-se ao debate dos direitos de todos os membros da família, e com a mesma intensidade. A conciliação da vida familiar e profissional nunca será possível se não existir a devida co-responsabilidade, a qual exige que se valorize não somente o trabalho que a mulher assume dentro do lar, isto é, o trabalho basicamente educativo que realiza com seus filhos, mas também o seu desempenho profissional.

A sociedade irá mudando à medida que as responsabilidades estiverem convenientemente bem repartidas entre homens e mulheres.

Fonte: Eufam - http://www.edufam.es/mostrar_recurso.php?id=2841

Tradução para o Portal da Família: mcferreira

Publicado no Portal da Família em 01/09/2008

Disponível em: <http://www.portaldafamilia.org/artigos/artigo711.shtml>. Acedido em: 19/2/2015)

PAIS PRESENTES X PAIS AUSENTES



Em família de pais temerosos, eles se sentem incapacitados de agir e de serem eles próprios no lar.

Um ou os dois pais se tornam afetivamente ausentes (ausência parental), ineficientes e incapazes de agirem na função parental que além da manutenção, têm também a função de educação, direção, limites e fronteiras para os filhos.

Os pais, muitas vezes, sentem esta incapacidade de agirem como indivíduos (seus gostos paladares, sonhos, etc), quando os filhos começam a crescer.

Isto só pode complicar ainda mais o desenvolvimento da criança, pois, ela sente que eliminou a função dos pais e fica mais desorientado.

É como se os pais, na dificuldade de preservar sua individualidade, deixassem os filhos no comando desta família.

O trabalho do Psicoterapeuta é de tentar encontrar uma maneira de ajudar esses pais a funcionarem como Pais, quando tem filhos que reinam em casa, correndo até risco de vida ou não deixando seus Pais viverem.

O primeiro cliente então são os Pais, porque os filhos não estão interessados na mudança.

Quem está disposto a "suar" são os Pais, porque são eles que sofrem mais.

E como ajudar a restituir a autoridade dos Pais, de maneira que não haja mais dúvidas a este respeito?

A tarefa do Psicoterapeuta Sistêmico será legitimar a autoridade dos pais, criando um método de pensamento que os ajudem a tomar decisões mais rápidas e precisas. Ou seja, como Terapeutas, não podemos complicar. Temos que dar conceitos simples, com regra fácil de ser aplicada, de acordo com as necessidades.

Teoria Familiar

Presença Parental:

A função parental é: manutenção, cuidados, afetos, educação, direção, limites, fronteiras para o filho.

Ausência Parental:

Quando os pais se sentem incapazes de se colocarem, de agirem como indivíduos (seus gostos, paladares, sonhos, etc). Isto só vem complicar o desenvolvimento da criança, quando ela sente que eliminou a função e papel dos pais.

Sobre a mãe:

Ela fica numa situação onde a margem de oxigenação é pequena, porque está constantemente sendo exigida e atacada.

Depois do 1º filho e após mais ou menos 10 anos de casada, a sua satisfação marital caiu muito.

Por isso são elas que primeiro buscam ajuda psicoterapêutica, porque estão mais dispostas a pagar pela melhora.

Exemplo:

A mãe pede para o filho fazer a lição de casa, aí ele faz muito barulho, chora, briga, etc.

Ela pode continuar a lutar e consegue com muita dor de cabeça que o filho faça a lição de casa.

Mas ela vai se cansando e deixa prá lá ! Assim, o filho está educando a mãe para ceder e a mãe se condiciona a deixar prá lá para ter paz.

Em muitos anos de trabalho educando a mãe, ele não volta mais a traz.

Ele aumenta o barulho e a bagunça fica mais forte. O filho pára de perceber o grau da sua bagunça.

Nesta história se desenrolou uma cegueira seletiva = param de ver para se adaptarem ao processo (virou hábito, ou vício).

As mães precisam voltar a enxergar e acreditarem que são capazes.

Elas dizem: _ "qualquer coisa que eu fizer não vai dar resultado". Como os pais, elas também se paralisam em termos de ação.



Sobre o pai:

Ele tem papel importante, porque em famílias que não têm pais a situação é ainda pior.

E quanto mais distante o pai, maior a possibilidade de problemas com os filhos.

Só que raramente ele busca ajuda, porque dentro da família ele tem mais folga para ter interações prazerosas com seus filhos.

No caso dos pais, eles têm mais preguiça ainda de brigar com o filho e deixam nas mãos das mães para fazerem esta parte chata de suas funções paternas.

Aqui acontece uma quebra hierárquica, onde o pai funciona mais como amigão, tio legal, ou apenas o marido da mãe!

Sobre o filho:

Depois de séculos onde a função do pai era de autoritarismo e da mãe de seguir como os filhos este comando, as coisas mudaram de lugar.

Mas não mudaram para melhor, porque se antes os filhos tinham muito medo dos pais, hoje os pais têm muito medo dos filhos.

Talvez isto tenha acontecido junto com o movimento feminista e hippie, quando tabus foram derrubados e padrões modificados.

Mas depois de séculos oprimidos, tanto filhos quanto mulheres saíram de um polo e foram para o polo extremo, o que tornou-se disfuncional da mesma forma.

A questão não é a mulher trocar de lugar com o homem e filhos darem comando nos pais.

Tudo para ser funcional e saudável deve seguir uma hierarquia.

O trabalho do Psicoterapeuta entra aí, redistribuindo papéis e funções de acordo com a competência de cada um nesta família.

O TRABALHO DO PSICOTERAPEUTA FAMILIAR:

Os pais quando entram em contato com o Terapeuta, já sentem que serão de alguma forma criticados.

Precisamos aceitá-los e verdadeiramente nos interessar pelo sofrimento deles, porque assim o diálogo muda e se tornam motivados.

Aliança terapêutica:

O Psicoterapeuta também precisa se interessar pelo medo paralisante dos pais (medo de ver o filho drogado, suicida, assassino, etc).

O Psicoterapeuta precisa ajudar aos pais expressarem esses medos.

Como profissionais, não podemos minimizar ou desqualificar seus medos e angústias.

Os medos sendo declarados, aí então podemos começar a enfrentá-los (em equipe).

Fala do Psicoterapeuta com os pais:

_"Preciso de vocês e isto é prioridade nos primeiros 3 meses.

No início do tratamento vai ser necessário disponibilidade, tempo e vontade, senão não vale a pena começar.

Preciso do compromisso de vocês, com propostas aceitas ou não por vocês .

Isto agora na vida de vocês é prioritário!

E se o filho de vocês tivesse um câncer ? Vocês não largariam tudo e dariam prioridade a isso? "

Com a confirmação dos pais de que estão dispostos a se comprometerem, começa-se o plano de ação.

Sem isso, nada na Psicoterapia vai dar certo.

Observação : De acordo com o caso , para o Psicoterapeuta aceitar fazer um trabalho, ele também precisa estar disponível,

como por exemplo: atender mais vezes por semana, dar seu número de telefone para emergências, atender em casa, hospital, etc.

Apontar para os pais onde estão as disfunções parentais:

1) Filhos que percebem que nesta família não existe PRESENÇA PARENTAL.

Eles experimentam as fronteiras e limites e percebem que "não há ninguém em casa!".

Onde não existe mais presença parental é lá que vamos criar.

2) Filhos suicidas:

Se sentem sozinhos, sem apoio, sem ninguém, porque os pais não estão lá com eles (emocionalmente e até fisicamente).

Se sentem desqualificados e abandonados.

Com jeito o Psicoterapeuta vai estar lá e "convida" aos pais a participarem mais.

O cliente (filho) vai se irritar no início, mas estamos lá. Isto auxilia a diminuir o desespero e a solidão.

* O Psicoterapeuta deve mostrar aos pais a importância da presença parental - estarem com seus filhos.

Os pais devem estar lá: onde o filho vai, onde ele está (nas drogas, na marginalidade, sozinhos, etc).

Significado da presença parental no campo da ação - os pais estão fisicamente presentes:

1. Com filhos crianças:

É o ato de pegar uma criança e segurá-la quando ela está tendo uma "birra" por exemplo.

Um "abraço de urso" pode representar muito para a criança.

É uma manifestação de presença física : - estou aqui, te seguro, te protejo de você mesma!

2. Com filhos adolescentes:

No caso de filhos adolescentes já tem mais ligação com território. São eles quem mandam e governam o quarto e outros lugares que freqüentam.

Eles têm controle absoluto do seu quarto (ninguém pode mexer lá), mas têm direito de mexer em outros "territórios".

Isso acontece com todos os adolescentes e são os primórdios para ele se tornar também um ser humano territorial (ter território garantido).

A presença física dos Pais com os adolescentes pode ser assim:

- Quando o adolescente toma conta de todos os territórios (guarda-roupa da mãe, carro do pai, bagunça todos os lugares da casa, etc.), os pais entram com a Presença física contestando o território, pode ser falando, segurando o adolescente (com abraço forte).

Os Pais têm que estar lá, questionando os lugares, marcando a presença e o domínio, conhecendo os lugares que os filhos freqüentam

(em alguns casos como bons detetives, indo atrás, pegando uma rede de auxílio, etc).

Têm intervenções que só funcionam por causa do tempo que os Pais estão lá.

Exemplo: Os Pais tiram 2 horas para reunir com os filhos.

Enquanto não se posicionarem e colocarem o que fizeram de certo e errado, sucessos e fracassos não vão dormir (Pais e Filhos).

O tempo então é um fator de presença parental.

Exemplo :

O Pai está trabalhando e se lembra do Filho e liga para saber se ele fez tal e tal coisa. Ele marca presença na vida do Filho.

É como se os Pais dissessem : _ Somos seus Pais 100 % . Estamos com vocês !

O Psicoterapeuta precisar mostrar aos Pais que o objetivo nunca é uma luta contra os filhos e que o objetivo seria sua rendição.

Na verdade, a intenção é fazer uma abertura para negociação (diálogo, acordos).

3. Filhos adultos

Quando as questões lá para trás já se estabeleceram de forma confusa, quando os filhos se tornam adultos, tendem a continuar tratando os Pais como "trouxas" e "frouxos".

Os filhos dão o comando de tudo e desqualificam emocionalmente os pais, além de tomarem conta de todo o território físico deles.

O Psicoterapeuta vai auxiliar estes pais que estabeleceram relações com quebra hierárquica ou até mesmo,

fazendo uma manutenção de Psicoterapias anteriores, não deixando que os pais voltem a serem "trouxas" e nem que fiquem desejosos de influenciar a vida do filho adulto.

A fala dos pais deve ser mais ou menos a seguinte : _ "Eu não posso te influenciar mais, gostaria, mas renuncio a isto. Porém, também não vou deixar você me explorar, magoar, invadir, etc."



4. Família uniparental

No caso de uma família em que um dos pais cria sozinho os filhos. Exemplo: Uma Mãe sozinha com um Filho adolescente.

Ela sozinha não vai ter condições de estabelecer as duas funções (maternas e paternas). A questão imediata é :

Quem é que vai apoiá-la ? Se não tiver ninguém mais, será o Psicoterapeuta. Ele será a fonte de apoio para a Mãe.

Se estiver acontecendo um caso mais grave, como por exemplo o envolvimento deste Adolescente com drogas, o psicoterapeuta não deixa a mãe enfrentar o Filho sozinha.

É chamado para ajudar tios, irmãos, amigos, fazendo uma rede de ajuda mútua. Pessoas vão passar tempo com este Adolescente, sabendo onde ele está, com quem, etc.

As sessões podem ser feitas com todos os membros desta "família artificial", que na verdade é uma rede de proteção para o adolescente, que o ajuda perder esta sensação de solidão, isolamento, abandono.

5. Desacordo entre o casal de Pais

O casal pode estar tanto em desacordo afetivo, quanto em desacordo na criação dos filhos, que chegam a um ponto que não se falam.

O trabalho do Psicoterapeuta é focado na comunicação.

Exemplo: O Psicoterapeuta fala para o casal de Pais :

"Vocês têm um problema simétrico. Ambos nutrem desejos totalmente aceitáveis, humanos e positivos em relação a seus filhos.

Você Mãe tem tal e tal desejo e você Pai, tem tal e tal desejo. Ou seja, têm desejos completamente opostos!

A idéia aqui é ajudar a vocês serem Pais diferentes, mas não mutuamente cancelatórios, sem se anularem.

Texto elaborado por:

Jaqueline Cássia de Oliveira
Psicoterapeuta Familiar Sistêmica
Estudiosa da Psicogenealogia

(Disponível em: <http://www.interacaosistemica.com.br/dicas-e-ideias/102/pais-presentes-x-pais-ausentes>. Acedido em 18/2/2015)